

# Rebeldes Literários e identidade nacional

**Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira**

---

## Resenha

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República: História e Identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 253 págs., 2005.

Em meio ao prazer do estudo de velhos almanaques, a professora Eliana Dutra, docente do departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, elaborou uma grande obra, intitulada *Rebeldes Literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. O presente trabalho nasceu há muitos anos, em meio a uma *infância povoada de escuta de histórias*, como a mesma autora afirma na apresentação de seu livro. Aos poucos, ela foi aprofundando tais estudos, procurando sempre uma motivação metodológica que pudesse conciliar a problemática historiográfica, reflexão teórica e pesquisa de arquivo. Assim nasceu o presente trabalho, inovador por si mesmo por relacionar, em um só estudo Nação, República e projetos pedagógicos.

A primeira parte de sua obra, intitulada “cartografia de um objeto”, exemplifica a importância do livro, uma vez que este é visto como uma importante ferramenta no ensino escolar. O poder que emana do livro, como sugere Jacob, está no fato de que ele é o lugar onde se *arquivam experiências e eventos, fixados na escritura* (Dutra, 2005: 15). Por meio deste, se compartilham experiências e/ou acolhem por meio de suas palavras alteridades de pensamentos ou de um

---

\* Mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

determinado imaginário. Daí, como nos ensina Mallarmé, *o mundo existe para um livro*. Ao lado dos livros, pode-se encontrar uma gama variável de suportes materiais que acolhem diversos tipos de informações, sejam educacionais, econômicos, políticos ou culturais. A estes se dão o nome de impressos. Seriam cartazes, volantes, imagens, almanaques, revistas entre outros que colaboram no fenômeno, como quer Roger Chartier, da cultura popular do impresso. E são os almanaques o objeto de interesse de Dutra.

A história dos almanaques remete a confecção dos impressos no ocidente desde o final do século XV. Estão inseridos na tradição da literatura de *colportage* pelo fato de serem uma *literatura de fácil apreensão, de linguagem simplificada, de conteúdo ameno, ligeiro e variado e, sobretudo, por ser uma literatura barata devido a pouca qualidade da impressão* (Dutra, 2005: 16). Daí entendê-lo como um importante meio na divulgação de ensinamentos práticos, ou seja, um instrumento pedagógico exemplar na educação do povo, como ocorreu nos anos iniciais da República brasileira.

Dessa forma, em tal período os almanaques estavam a serviço do progresso, da ciência e da difusão de vários valores da modernidade, uma vez que este meio de comunicação estava inculcado em instrumentos de condutas ligados a idéia de um projeto civilizatório que, em última instância disseminava a validação de um código de condutas e valores político-sociais. Defendiam a importância da ciência, da moralidade e do comportamento das pessoas dentro de um Estado que deveria ser moderno e engajado em valores religiosos e civis. Portanto, agiam influenciados pelos catecismos cívicos e ao culto das virtudes republicanas.

Os almanaques fazem parte dos primeiros esforços editoriais com vistas ao aumento da produção e circulação dos impressos no Brasil do século XIX. Era necessário, segundo a elite letrada, aumentar o seu público leitor e, para isso, deviam-se publicar matérias de fácil apreensão atingindo, portanto, a concepção de uma leitura popular. Agindo dessa forma surge, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, o célebre *Almanaque Brasileiro Garnier*.

A livraria Garnier, desde sua instalação em 1844 até a década de 1920, desempenhou um importante papel de centro difusor das principais obras brasileiras produzidas no período em questão. E era nessa livraria que se reuniam os principais intelectuais brasileiros, o que corrobora a idéia de que esse local foi um espaço físico de encontro e de convivência dos renomados literatos da época.

Defendia-se, sempre que possível, o ingresso do Brasil no concerto das nações, seja pela via do progresso econômico ou da modernização política e social. À República cabia a tarefa de concretizar

tais idéias e tornar possível a instrução pública por meio da escrita. No entanto, deve-se entender que o almanaque visava menos à ação política e mais a formação de um público leitor cada vez mais diversificado e amplo. O que interessava a livraria Garnier era divulgar obras de grandes autores e assegurar uma boa arrecadação comercial e seu lugar de destaque no espaço do mercado livreiro. Aos seus autores cabia a tarefa de sustentar valores nacionalistas, sempre identificados à idéia de progresso e civilidade.

Rapidamente, o almanaque Garnier ganha espaço em grande parcela da sociedade brasileira. Estudantes, professores e populares tornam-se consumidores potenciais das suas publicações. Isso devido à diversidade de assuntos publicados pela editora. Nesse sentido torna-se um ícone da modernidade, um símbolo da civilização que em última instância se influenciava na cultura européia, notadamente francesa, devido ao sucesso da *belle-époque* em cidades como a do Rio de Janeiro.

Os temas eram variados. Privilegiava-se, assim como na Europa, o estudo da língua, do território, da religião e da cultura. Havia um esforço comum em legitimar a nação como uma entidade unitária que é preciso construir. Em outras palavras, dotar de homogeneidade o todo nacional. O cultivo da língua portuguesa, desde a sua reforma ortográfica até ao seu princípio filológico e histórico era, em consonância com outros temas, um fator de afirmação de uma cultura genuinamente nacional. A língua, ao se pensar dessa forma, era entendida como a alma do povo, a âncora da nação.

Nessa mesma perspectiva era visto o Folclore, os usos lingüísticos regionais, os costumes e as particularidades étnicas. Estes, pela via do resgate, poderiam consolidar o verdadeiro caráter do brasileiro. Era necessário unir a nação no plano cultural e territorial por meio de um trabalho de consciência nacional.

Portanto, a sintaxe do Almanaque brasileiro Garnier esteve revestida de um caráter nacionalista e culturalista. O progresso e a ciência eram elementos fundamentais na marcha da sociedade rumo à modernidade e os valores culturais representados pelos costumes genuinamente nacionais procurava dar uma unidade à nação. Nesse sentido, nota-se uma clara inspiração etnocêntrica, pois como integrar um território nas suas diversidades culturais? Como pensar uma determinada cultura pelo olhar do outro? É possível integrar costumes diversos em um determinado espaço físico sem se projetar medidas sociais que visem beneficiar a população mais desfavorecida? Ao que parece, tais perguntas não foram objeto de questionamento nos diversos fascículos do Garnier.

Dessa forma, esse precioso suporte documental, às vezes esquecido nos arquivos de todo país, se trabalhado de uma forma

Resenha do livro  
Rebeldes Literários da  
República, de Eliana de  
Freitas

Locus:  
revista de  
história,  
Juiz de Fora,  
v. 12, n. 1,  
p. 181-184, 2006

Rodrigo Leonardo  
de Sousa Oliveira

crítica pode proporcionar uma interessante análise político-social de um determinado período em questão. No caso da obra de Dutra, percebeu-se como a questão da identidade nacional proposto pelos seus escritores estavam impregnados de valores religiosos e civis e, infelizmente, sem um efetivo programa social que reclamasse uma melhoria de vida a milhões de brasileiros nesses anos iniciais da república.